



CUBA

Centenário à meia-luz

Regime comunista festeja 100 anos do nascimento do patriarca Fidel Castro sob cerco fechado de Donald Trump. Às escuras pela crise energética, governo aposta em reformas de alcance inédito para modernizar e salvar da asfixia a economia socialista

» SILVIO QUEIROZ

O cenário é distante do programado um ano atrás, quando o governo de Cuba deu largada para um extenso calendário de eventos — entre solenidades, colóquios e festivais de arte — comemorativos do centenário de nascimento de Fidel Castro, patriarca do regime socialista IMPLANTADO pela revolução de 1º de janeiro de 1959. A data será celebrada nesta quinta-feira, com o país em risco permanente de apagão: desde que invadiram a Venezuela para sequestrar o presidente Nicolás Maduro, os Estados Unidos impõem à ilha um agressivo bloqueio naval que impede a chegada de petróleo.

Sem a entrada de combustível, não apenas estão paralisados os transportes. A geração de eletricidade depende de usinas movidas a diesel, e nos últimos meses se sucedem os apagões, com momentos de escuridão total se alternando com outros em que a eletricidade é disponível apenas algumas horas por dia. Hospitais, escolas e empresas, em geral, funcionam com escalas reduzidas. Quem trabalha como autônomo, de casa — os chamados *cuentapropistas* —, levanta por vezes em plena madrugada para aproveitar as horas úteis.

Tania Peón, diretora de Saúde Mental na capital, Havana, relata que grande parte da população vive em “estado de alerta” permanente. “As pessoas passam o tempo todo tentando resolver necessidades básicas”, explica. “É estresse em cima de estresse”, enfatiza. Uma pesquisa realizada em 2025 com adultos detectou níveis “extremamente severos” de depressão e ansiedade, diretamente relacionados aos apagões recorrentes e prolongados. Claudia Sifredo, estudante de 29 anos, frequenta no hospital Calixto García um grupo de autoajuda criado para amortecer o impacto da crise. “Tudo é caótico... tanta incerteza que a gente nem sabe como levar o dia a dia”, desabafa. “Cuba vem celebrando oficialmente o centenário de Fidel Castro durante todo o ano de 2026,

Yamil Lage/AFP



Os faróis dos carros iluminam a noite nas ruas da capital, Havana: sob bloqueio dos EUA ao petróleo, apagões se repetem sem solução à vista



Cuba parece se encaminhar também para uma 'economia de mercado socialista'

Jorge Duany, catedrático emérito de antropologia na Universidade Internacional de Miami

com marchas, jornadas culturais e atividades acadêmicas”, disse ao **Correio** Jorge Duany, catedrático emérito de antropologia na Universidade Internacional de Miami (EUA). “Mas a grave crise econômica, energética e demográfica deve limitar o alcance e o entusiasmo,

até pelas dificuldades para deslocamento, que condicionam o ambiente dos festejos.”

Modernização

Ainda assim, ressalta o estudioso, “as autoridades reiteram



O tempo dirá como serão a economia e o sistema político da ilha nos próximos meses

Paolo Spadoni, professor de ciências sociais da Universidade de Augusta (EUA)

o compromisso com o legado de Fidel, insistindo em um discurso de resistência às pressões dos EUA”. Na reta final para o centenário, a Assembleia Nacional do Poder Popular aprovou um pacote de 176 reformas que abrem mais e mais setores da economia

ao capital privado, inclusive externo, e reduzem o aparato burocrático, embora mantendo na essência o planejamento centralizado. “Elas representam a tentativa mais ambiciosa de modernizar o modelo socialista da ilha”, avalia Duany, ex-diretor do Instituto de

Um legado que pesa sobre os sucessores

Na antessala do centenário do Comandante histórico da revolução, o maior expoente da segunda geração dirigente do regime comunista aproveitou outra data magna para lançar uma ponte em direção a uma juventude que dá sinais de cansaço e desilusão com as dificuldades agudas e cotidianas na ilha. O presidente Miguel Díaz-Canel convocou os cubanos a “resistir ao império” nas comemorações pelo 26 de julho — a data em que Fidel Castro e o irmão Raúl lideraram a tentativa de tomar o quartel de Moncada, em 1953. O assalto frustrado é celebrado como ponto de partida para a guerrilha que sairia vitoriosa em 1º de janeiro de 1959.

“Cuba está travando uma batalha histórica, hoje, uma nova

Moncada”, afirmou Díaz-Canel, citando as palavras de Fidel sobre o assalto ao quartel de Santiago de Cuba. “Lutamos feroz e tenazmente por nossa soberania e, portanto, temos o direito de escolher livremente como nos governamos”, proclamou. Nascido no ano seguinte à vitória da revolução, o presidente ressaltou “a ressonância universal” do centenário. Invocou o pacote de reformas recém-aprovado e pediu “não apenas palavras, mas ações”, além de “clareza e determinação para implementar, o mais rápido possível, as transformações que os tempos nos exigem”.

Atento aos desafios que enfrenta desde que assumiu o posto, em 2018, o mandatário se dirigiu sem rodeios a um público crítico para

AFP / CUBA TV



o futuro do regime. “Vocês são a juventude do centenário de Fidel”, provocou. “Vocês são chamados a liderar neste momento, de cada bairro e de cada canto desta ilha.”

“As gerações mais jovens vêm demonstrado grande desencanto

pelo estancamento da economia, pelas carências materiais persistentes e pelas restrições às liberdades civis”, observa, em entrevista ao **Correio**, Jorge Duany, catedrático emérito de antropologia na Universidade Internacional de

Miami (EUA). Ele identifica expressões desse descontentamento “tanto em protestos públicos quanto em uma emigração sem precedentes nos últimos anos”. Os que permanecem na ilha, completa, “recorrem às plataformas digitais e outros meios

Investigações sobre Cuba na universidade.

Assim como ele, o professor Paolo Spadoni, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Augusta, no estado norte-americano da Geórgia, classifica como “ambicioso” o pacote de reformas, por “outorgar um papel sem precedentes às forças de mercado e aos empreendedores privados, reconhecendo implicitamente as deficiências crônicas do modelo econômico socialista”. Spadoni acredita que as medidas podem “reconfigurar a economia de maneira fundamental, em um período relativamente curto”. Mas pondera que “o impacto final dependerá de como elas se implementem”.

Ambos os especialistas identificam a inspiração do projeto nas experiências bem-sucedidas com a abertura econômica na China e no Vietnã. “Nos dois países, as reformas combinaram uma maior abertura para o mercado com a preservação do sistema de partido único”, explica Duany. “Cuba parece se encaminhar também para uma ‘economia de mercado socialista’”, arrisca.

Spadoni lembra que os processos de abertura dos regimes comunistas asiáticos “começaram há muitas décadas, em condições externas muito distintas”, e se caracterizaram pelo gradualismo. Em Cuba, observa, “esses esforços reformistas parecem impulsionados menos por uma convicção genuína sobre os benefícios de uma economia mais orientada para o mercado do que pela grave crise econômica que o país atravessa, sob uma pressão estadunidense sem precedentes”. O professor de Augusta acredita que “o tempo dirá como serão a economia e o sistema político da ilha nos próximos meses” — a depender da evolução das relações com Washington.

“O governo Trump sustenta que tem pouca responsabilidade pela crise atual, enquanto o governo de Havana insiste em que as recentes reformas são uma decisão soberana, alheia às sanções”, analisa Spadoni. “Ambas as afirmações são insustentáveis.”

O presidente Díaz-Canel discursa sob os olhos do retrato de Fidel: símbolo histórico evocado

independentes para manifestar o inconformismo com o governo e o estado da economia”.

É sobre esse pano de fundo social que Díaz-Canel e a sua geração buscam preservar a imagem do Comandante como símbolo da revolução. “O legado de Fidel Castro e construiu sobre uma oposição tenaz ao capitalismo e ao imperialismo e o desafio aberto à hegemonia dos EUA”, explica Duany. Ele lembra a “expropriação quase total das empresas privadas, a supressão dos mecanismos de livre mercado e a centralização estatal” da produção de distribuição. “A profunda crise está desmantelando grande parte desse legado histórico e político”, diz o professor de Miami. “O governo se vê obrigado a abandonar ou flexibilizar alguns de seus princípios básicos.” (SQ)

FAIXA DE GAZA

Netanyahu diz não ao plano de Trump

Uma semana depois de Donald Trump anunciar um acordo para a Faixa de Gaza, com o desarmamento do movimento islâmico Hamas e a retirada das tropas israelenses do território, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu,

aliado estratégico no Oriente Médio, recusou formalmente o plano patrocinado pelo presidente dos Estados Unidos. “Rejeitamos o documento de 15 pontos”, declarou, durante reunião de gabinete. “As Forças de Defesa de Israel não

farão nenhuma retirada até que o Hamas esteja efetivamente desarmado, e continuarão neutralizando as ameaças contra nossas forças e nossos cidadãos.”

A proposta, chancelada pelo Conselho de Paz criado por Trump, daria sequência à transição de Gaza após o cessar-fogo de outubro último. A trégua, embora violada repetidamente por Israel, deveria pôr fim a dois anos de ofensiva maciça em resposta aos ataques do Hamas contra o sul israelense, em 7 de outubro

de 2023. O plano prevê a entrega das armas do grupo islâmico a um “governo tecnocrático” para o território, sem participação de facções políticas ou militares palestinas. Simultaneamente, as tropas de ocupação iniciariam uma retirada gradual.

“Único caminho”

Falando pelo organismo internacional, o alto representante Nikolai Mladenov advertiu Netanyahu de que a proposta, aceita

publicamente pelo Hamas, representa “o único caminho para evitar um novo ataque semelhante” ao de 2023. O premiê israelense, no entanto, se vê sob pressão dos aliados de extrema-direita, de cujo apoio depende a sobrevivência do gabinete — justamente quando o país entra em campanha para a eleição legislativa de 27 de outubro, em que a maioria governamental aparece em risco.

No discurso perante os ministros, Netanyahu insistiu em que o Hamas deve “entregar todas” as

armas, antes que Israel recue as tropas. “Estamos falando de um desarmamento real, não de um desarmamento fictício”, frisou. Atento em evitar um atrito mais direto com os EUA, o premiê garantiu que “vem conversando” com Trump sobre suas objeções ao plano, reiterou que o presidente é “o melhor amigo de Israel na Casa Branca”, mas manteve as reservas. “Eles têm ideias. Algumas são aceitáveis para nós e outras não, e sabemos como nos manter firmes nestas questões.”